

# A Concepção de Spinoza dos Atributos da Substância<sup>1</sup>

Abraham Wolf<sup>2</sup>

## § 1 Prefácio

Como este é o ducentésimo quinquagésimo aniversário da morte de Spinoza, é justo que a Sociedade dedique a noite<sup>3</sup> à consideração de alguns aspectos de sua filosofia. Isso é ainda mais desejável em vista da diferença de opinião, para não dizer confusão, ainda prevalecente na interpretação de suas obras. Pode parecer surpreendente que duzentos e cinquenta anos após a morte do autor, suas obras ainda estejam sujeitas a interpretações muito diferentes e inconsistentes. Mas é assim mesmo. Ainda mais surpreendente, talvez, é o fato de que as críticas à filosofia de Spinoza nem por isso demoraram a chegar. Ou seria essa a explicação da Babel de interpretações? As pessoas têm tanta pressa de criticar Spinoza que não tomam o tempo e o esforço necessários para entendê-lo? Certamente parece estranho

---

<sup>1</sup> Tradução por Gionatan Carlos Pacheco (doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM) do original Wolf, Abraham. Spinoza's Conception of the Attributes of Substance. *Proceedings of the Aristotelian Society*, vol. 27, 1927, pp. 177–192.

<sup>2</sup> Abraham Wolf (1876-1948), especialista em Spinoza, foi rabino da Sinagoga reformada de Manchester e professor de filosofia da *University College London* e da *London School of Economics*.

<sup>3</sup> A leitura deste texto foi realizada por Wolf em um *Encontro da Sociedade Aristotélica*, em Londres, no dia 21 de fevereiro de 1927, às oito da noite. (nt. do tradutor).

que, após dois séculos e meio de estudo, os próprios fundamentos do spinozismo ainda devam estar sujeitos, não apenas a *críticas* ou *estimativas* conflitantes, mas a *interpretações* conflitantes. Sem dúvida, Spinoza é um escritor incomumente difícil, e seu uso de termos em sentidos bastante diferentes de seu significado então usual, para não falar de seu significado atual ou de sua falta-de-significado, ajuda a complicar as coisas. Além disso, ele era um recluso com uma completa falta de incentivo para fazer de si facilmente inteligível. Afinal, existem muitos professores profissionais que permanecem ininteligíveis, mesmo depois de décadas de contato diário com estudantes de graduação. Sem dúvida, seus pensamentos também são difíceis, deixando sua expressão de lado. Mas quando todas essas concessões foram feitas, ainda me parece que algumas das interpretações errôneas do spinozismo são realmente imperdoáveis. Isso se deve em grande parte a uma certa falta de paciência na determinação por descobrir o que Spinoza realmente queria dizer, uma propensão a ver sua filosofia através de espetáculos cartesianos, kantianos, hegelianos ou outros de outras cores e, acima de tudo, a uma ânsia excessiva por criticar.

No presente artigo, proponho tratar brevemente algumas interpretações errôneas, todas relacionadas principalmente à concepção de Spinoza dos Atributos da Substância, que é o próprio fundamento de sua filosofia. É óbvio que, uma vez que as ideias fundamentais de um sistema de filosofia são mal compreendidas, o resto é inevitavelmente distorcido. No entanto, deixando de lado a questão de saber se as concepções fundamentais de Spinoza se recomendam ou não a nós, parece-me que não há motivo real para considerá-las obscuras, ou para justificar que algumas interpretações se coloquem acima delas e que, ainda assim, permaneçam consideravelmente em voga.

## § 2 A relação dos atributos com a substância.

Começo com um dos conceitos errôneos menos prevalentes sobre a relação dos Atributos com a Substância. A elucidação deste ponto pode ser útil em relação aos tópicos subsequentes, mas não precisa nos deter por muito tempo.

A verdadeira visão de Spinoza parece suficientemente clara. Substância (ou Natureza ou Deus) é a totalidade unificada dos Atributos. Isso parece claro em passagens como *Ética* I, iv, Dem. (“substâncias, ou, o que é a mesma coisa, seus atributos”) e I, xix (“Deus é eterno, ou, em outras palavras, Seus atributos são eternos”). Em seus escritos anteriores (*Cartas* II, IV, IX), ele definiu Atributo da mesma maneira que Substância, e a sobrevivência desse uso é encontrada na *Ética* I, xv, Schol. (“substância extensa é um dos infinitos atributos de Deus”). A única diferença entre os Atributos e a Substância é que nosso intelecto pode, por um ato de abstração, pensar em um dos Atributos à parte do resto, enquanto na realidade todos os Atributos estão inseparavelmente unidos.

Infelizmente, para alguns de seus leitores, Spinoza tinha interesse em etimologias e, ocasionalmente, desvia de seu caminho para dar uma etimologia da palavra Atributo. *Attributum*, explica, está conectado ao verbo *tribuere*, e um *atributo* é assim chamado porque o intelecto o *atribui* à substância como uma de suas características (*Ética* I, ix, etc.). Essas excursões etimológicas deram origem a uma espécie de interpretação kantiana dos Atributos. De acordo com J. E. Erdmann (*Grundriss der Geschichte der Philosophie*, Band II, 1878), os atributos não eram considerados por Spinoza como reais, características objetivas da Substância, mas apenas como nossos modos (subjetivos) de concebê-la. Esse tipo de interpretação pode parecer plausível desde que se restrinja sua atenção à *Ética* I, Definição iv (“Por atributo, entendo aquilo que o intelecto apreende da substância como constituindo sua essência”). Mas perde todo vestígio de sua plausibilidade no momento em que se leva em conta outras passagens e outras doutrinas de Spinoza. Segundo Spinoza, o intelecto (diferentemente da imaginação) fornece conhecimento real, ou conhecimento do real. Portanto, é totalmente injustificado ler em Spinoza a distinção entre o que em um dado Atributo é *realiter* e o que é *in intellectu*.

Pode-se, é claro, levantar a questão se Spinoza estaria realmente justificado em conceber todos os Atributos como constituindo uma única Substância. No entanto, não há dúvida de que ele os considerou.

Mas é desnecessário elaborar esse ponto, pois quase nenhum escritor inglês adotou a interpretação kantiana de Erdmann dos Atributos de Spinoza. Supondo, então, que para Spinoza a *Substância* e a *totalidade dos Atributos* são idênticas, podemos passar para o próximo problema, que é muito mais sério.

### § 3 O suposto caráter lógico-matemático dos atributos.

Uma das interpretações mais comuns e sérias do pensamento de Spinoza é aquela que sustenta que a Realidade suprema (isto é, Deus ou Seus Atributos) foi considerada por Spinoza como de caráter lógico-matemático, não dinâmico. Em outras palavras, afirma-se que, quando Spinoza fala de causas e efeitos, ele na verdade quer dizer fundamentos (*grounds*) e consequências. Essa interpretação deve sua fama principalmente a W. Windelband, que encontra a característica essencial da filosofia de Spinoza em seu panteísmo *matemático*. A visão de Windelband, de que Spinoza concebe os Atributos como algo de caráter não-dinâmico, parece ser compartilhada mais ou menos por todos os expositores ingleses de Spinoza. No entanto, parece-me inteiramente injustificado, uma completa caricatura do Spinozismo.

O leitor não-sofisticado de Spinoza não pode deixar de ficar impressionado com a terminologia dinâmica encontrada ao longo de seus escritos. Por exemplo, Spinoza sustenta que é tão impossível para nós pensar que Deus não *age* quanto pensar que Ele não existe, e a essência de Deus é identificada com o *poder* (*power*) pelo qual Ele e todas as coisas são e *agem* (Ética I, xvii, II, iii, etc.). Da mesma forma com os Atributos. Já no *Breve Tratado* (pp. 34 e 120 da minha Tradução<sup>4</sup>), encontramos Pensamento e Extensão descritos como *potências* (*powers*), e a mesma visão é expressa na *Ética* (II, i, vii e xxi). De fato, ao longo de seus escritos, Spinoza enfatiza a identidade da essência ou da realidade com o poder ou a atividade. Para citar apenas duas passagens, deixem-me oferecer uma do *Breve Tratado* (p. 146) e uma da *Ética* (V, xl): - “Quanto mais essência tem uma coisa, tanto mais tem também em atividade”; “quanto

<sup>4</sup> Wolf se refere aqui a sua própria tradução e edição do *Short Treatise*: London: Adam and Charles Black, 1910. Está edição está em domínio público.

mais perfeita é uma coisa, mais realidade ela possui e, consequentemente, age mais”.

*Prima facie* a filosofia de Spinoza é essencial e caracteristicamente dinâmica. No entanto, Kuno Fischer parece ser quase o único expoente importante que interpreta os atributos como *Forças*; e mesmo sua interpretação da relação dos Atributos com a Substância não é satisfatória.

Quando passamos de Deus (ou Substância ou Atributos) para os Modos (da *Natura naturans* para a *Natura naturata*), a concepção dinâmica de Spinoza é tão inegável que pouquíssimos se aventuraram seriamente em interpretá-la de outra maneira. Esse fato pode ter levado as pessoas a fazer uma pausa para repensar sua interpretação não-dinâmica (ou puramente lógico-matemática) dos Atributos. Mas não, o fato é apenas uma razão adicional para críticas adversas, pois os críticos naturalmente não conseguem ver como Spinoza poderia conceber um mundo dinâmico de objetos ou eventos finitos emergindo de Atributos meramente lógico-matemáticos!

Ora, a meu ver, a interpretação puramente lógico-matemática dos Atributos de Spinoza é uma má interpretação e é injusta com Spinoza de duas maneiras. Rouba-o (involuntariamente, é claro) de uma das características mais originais de sua filosofia, e tendo cometido um erro, ela o disfarça com outro, acusando-o de inconsistência ao derivar modos dinâmicos de Atributos não dinâmicos.

Desnecessário dizer que a interpretação em questão não é uma má interpretação intencional. Existem razões para isso. Mas tentarei mostrar que as alegadas razões não confirmam realmente uma interpretação não-dinâmica.

As razões pelas quais a visão lógico-matemática é defendida são duas em número, até onde eu sei. São elas: (1) Em várias passagens (por exemplo, *Ética* I., xi; IV, Prefácio), Spinoza usa a frase *causa ou razão (causa seu ratio)*; (2) As ilustrações de Spinoza das conexões causais são principalmente de caráter geométrico (as propriedades do triângulo, círculo, etc.). No primeiro (1), argumenta-se que, para Spinoza, a *causa*

seria sinônimo de *razão*. A partir do segundo ponto (2), sugere-se que, assim como as inter-relações entre as propriedades das figuras geométricas não são realmente causais, mas lógico-matemáticas, também as relações cósmicas, que Spinoza tentou ilustrar com a ajuda dos exemplos geométricos, devem ter sido concebidas por ele como estando em relações lógico-matemáticas, não em relações causais.

(1) Agora, a primeira das razões acima parece-me quase frívola. Há várias ocasiões em que o mais forte partidário da causalidade dinâmica pode usar corretamente a expressão “causa ou razão”. Afinal, o conhecimento de qualquer relação causal pode funcionar como uma razão - qualquer *causa essendi* ou *causa fiendi* pode se tornar uma *causa cognoscendi*. Então, assim o uso da expressão *causa ou razão* não implica necessariamente que o escritor pretenda abolir a distinção entre uma causa dinâmica e uma razão lógica. Não vejo nada no uso da frase por Spinoza para justificar a opinião de que ele pretendia identificar os termos *causa* e *razão*. Tomemos, por exemplo, Ética I, i, na qual a frase ocorre várias vezes, de modo que um exemplo serve ao nosso propósito. Ela diz: “Para tudo, deve haver uma causa ou razão atribuível à sua existência ou não”. Isso significa simplesmente que, se algo existe, deve haver ou ter havido condições que o produziram e, se algo não existe, deve haver condições que impedem sua existência; e, é claro, se conhecemos essas causas, temos as razões, embora também existam razões que não são causas.

(2) Volto à segunda das razões apresentadas na justificativa da interpretação lógico-matemática dos Atributos - a saber, o uso frequente de ilustrações geométricas. A suposição invariavelmente feita é que a relação entre as propriedades das figuras geométricas não pode, de maneira alguma, ser considerada causal. A própria sugestão de outra visão provavelmente seria suficiente para chocar a maioria dos professores de filosofia. Proponho dizer algo sobre este tópico agora. Mas vamos supor, ao menos por um momento, que a suposição usual esteja correta, que as propriedades das figuras geométricas estão em assim chamadas relações lógico-matemáticas, não em relações causais. Mesmo assim, eu sustentaria que o uso de ilustrações geométricas por

Spinoza não garante a conclusão de que ele não reconheceu outras relações, mais particularmente as relações causais. É um fato familiar que as ilustrações, como as metáforas, não devem ser tomadas muito ao pé da letra, porque geralmente têm a intenção de trazer à tona algum ponto ou pontos específicos, e não são pensadas para se parecer em todos os aspectos com o que são usadas para ilustrar. Isso é óbvio demais no caso das metáforas, mas as metáforas são apenas um tipo de ilustração. É necessário ter cuidado para não ler muito em ilustrações ou deduzir muito de seu uso. Ora, as ilustrações geométricas de Spinoza, atrevo-me a dizer, sempre têm um significado muito real, mesmo se ignorarmos inteiramente seu alegado caráter lógico-matemático. O que ele normalmente quer ilustrar com a ajuda delas é a prevalência da lei necessária (como algo distinto do capricho arbitrário ou da contingência), ou da causalidade imanente (como algo distinto da causalidade transitiva), e assim por diante. Não vejo razão para supor que ele pretendesse ilustrar a relação lógico-matemática em oposição à causal, e que ele pretendia negar a realidade das relações causais. O problema que ele abordou no *Breve Tratado* e na *Ética* para explicar os diferentes tipos de causas tende antes a mostrar que ele realmente não se propôs a afundá-las na relação lógico-matemática.

Concluo, portanto, que o argumento da interpretação lógico-matemática “não está provado” e que não há fundamento válido para explicar a terminologia dinâmica de Spinoza. Parece-me que a filosofia de Spinoza é essencialmente de caráter dinâmico, ou seja, sua concepção de realidade é enfaticamente a de uma realidade dinâmica. Essa é uma característica muito original e muito importante de sua filosofia. E é apenas a tentativa persistente e mal-intencionada de torná-lo um mero cartesiano que é amplamente responsável pelo equívoco ou negligência com que esse lado da filosofia de Spinoza se deparou.

#### § 4 O caráter dinâmico da realidade segundo Spinoza

O fato de que Spinoza considerava o universo como algo essencialmente dinâmico se torna particularmente claro se compararmos sua concepção da natureza da Extensão com

a concepção cartesiana. É muito comum presumir que, porque Descartes e Spinoza usaram o mesmo termo (Extensão), ambos quiseram dizer a mesma coisa. Mas isso é um erro grave. Para Descartes, a matéria era essencialmente Extensão e nada mais. A matéria como ele a concebia era inerte por natureza. Um resultado dessa concepção foi que ele teve que invocar um *deus ex machina* não apenas para criar matéria e mantê-la em existência por recriação incessante, mas também para transmitir movimento e repouso a ela, e manter esse movimento e repouso constante em quantidade. No total, a filosofia cartesiana não apenas trata Deus como alguém de fora, mas o faz trabalhar de um modo terrivelmente pesado para manter unido esse triste esquema de coisas. Essencialmente, a filosofia cartesiana é como qualquer uma das cosmogonias familiares das teologias históricas e é viciada em milagres incessantes.

Como filosofia, o spinozismo é, na minha humilde opinião, incomparavelmente superior ao cartesianismo. Para Spinoza, o incessante fluxo cósmico por um Deus externo não parecia estar em conformidade com as regras do jogo, se assim posso dizer. Spinoza esforçou-se por conceber o universo como um sistema autossuficiente, autônomo e perfeitamente racional, livre de interferências externas e livre de arbitrariedade ou capricho. Nesse sentido, ele criticou fortemente a concepção cartesiana da matéria como mera extensão e inteiramente inerte. Nesse sentido, ele sustentou (Cartas LXXXI e LXXXIII) que o universo material não poderia evoluir. É verdade que, como Tschirnhaus o lembrou, Descartes supunha que Deus acrescentasse o movimento e o descanso necessários para fazer as coisas acontecerem; mas a suposição de tal interferência externa milagrosa era exatamente o que parecia não-filosófico para Spinoza. A concepção de Spinoza da matéria era dinâmica desde o início. Ele manteve o termo cartesiano Extensão porque o nome indicava a diferença entre Matéria e Pensamento, que Spinoza também concebeu dinamicamente. O que Spinoza quer dizer com Extensão é realmente o que pode ser chamado de Energia Física, que se expressa no modo infinito de Movimento e Descanso, que conseqüentemente não precisa ser introduzido milagrosamente de fora do mundo material. Pode-se salientar

aqui que a interpretação dinâmica da extensão torna inteligível a relação entre movimento e repouso (ou energia do movimento e energia da posição) e a extensão; a interpretação lógico-matemática torna essa relação sem sentido. Pois como o Movimento pode ser logicamente derivado da Extensão? Movimento implica Extensão; mas a Extensão não implica movimento. Se, portanto, Spinoza admitisse apenas relações lógico-matemáticas, o movimento deveria ter sido o Atributo e a Extensão seu modo. Presumivelmente, ele sabia o que realmente queria dizer e o disse. E o que ele disse, já no *Breve Tratado* (p. 120), era que Extensão é “o poder de produzir” Movimento e Repouso (ou energia cinética e potencial, como poderíamos dizer).

A história subsequente da ciência justificou abundantemente a concepção dinâmica ou cinética de Spinoza da matéria, contra a concepção inerte de matéria mantida por Descartes e todos os seus contemporâneos, bem como alguns dos sucessores mais ilustres. Descartes, por exemplo, só poderia explicar os movimentos dos planetas invocando, não apenas a ajuda de Deus, mas também a maquinaria dos vórtices etéreos para transportar os planetas. Mesmo Newton não poderia prescindir do éter, e pela mesma razão. Mas após a formulação de Newton da lei da gravitação universal, uma mudança acentuada ocorreu no mundo científico. Apesar da oposição de Newton, a visão geralmente aceita e, na verdade, defendida por Cotes em seu Prefácio à segunda edição dos *Principia*, era que a gravitação é inerente à matéria como tal, de modo que o movimento da matéria não precisa ser explicado pela referência a agências externas; somente mudanças de movimento (na direção etc.) precisam ser levadas em conta dessa maneira. Desde então até os dias atuais, a concepção cinética da relação de matéria foi tão mais favorecida que a “matéria” quase foi substituída pela energia ou por “campos de força”, expressão que pode muito bem nos lembrar da concepção de Spinoza de uma extensão dinâmica. É claro que, nem por um momento, pretendo reivindicar para Spinoza o crédito para as novas concepções físicas. Mas acho que ele merece muito crédito por ter sugerido com tanto tempo de antecedência uma base metafísica para essas ideias modernas em Física.

O outro Atributo, ou Atributos, também foi considerado dinamicamente por Spinoza. Ele se refere repetidamente ao Pensamento como um poder (*potentia*). Ele é, pode-se dizer, Energia Mental, assim como a Extensão é Energia Física. Isso naturalmente envolvia uma concepção dinâmica dos modos de Pensamento. E assim encontramos Spinoza protestando contra a visão que prevaleceu em seu tempo, e muito tempo depois, de que as ideias são como “imagens mudas em um quadro” (Ética, II, xlix, Schol. e compare a Def. iii, Expl.), e sustentando, pelo contrário, que são pensamentos ou afirmações ativas. Tendo em conta a visão *tabula rasa* e a psicologia sensacionista passiva que dominaram o pensamento europeu durante um período tão longo após o tempo de Spinoza, certamente não foi pouca coisa que, por sua visão, ele tenha antecipado a tendência dinâmica da psicologia atual, bem como da física atual. Em minha opinião, a concepção consistentemente dinâmica de Spinoza da Realidade é uma das características mais notáveis e dignas de crédito de sua metafísica.

Isso me leva à consideração de um ponto ao qual já aludimos antes, a saber, o significado do uso de ilustrações geométricas por Spinoza. Afirmei antes que, mesmo que a concepção usual das relações puramente lógico-matemáticas entre as propriedades das figuras geométricas seja a única concebível, de modo que Spinoza não poderia ter outra visão delas, de todo modo, não é necessário que Spinoza pretendesse que suas ilustrações fossem ser interpretadas como uma negação de relações causais ou dinâmicas. Mas agora eu daria um passo adiante e sustentaria que sua opção de encarar as coisas dinamicamente se manifesta mesmo em sua atitude em relação às figuras geométricas. Sua opção de definir tais figuras era por meio de definições *genéticas*, isto é, descrições de sua construção e essas definições são essencialmente dinâmicas. Isso está perfeitamente claro em sua abordagem da melhor definição de um círculo na Carta LX, onde ele diz que “um círculo é uma figura descrita por uma linha da qual um ponto é fixo enquanto a outro performa uma revolução”. E ele diz que prefere essa definição a outras definições possíveis, pois justamente expressa a *causa eficiente* do objeto definido. (Compare com o *Tratado da*

*Emenda do Intelecto*, perto do fim). Podemos supor, portanto, que Spinoza considerasse um triângulo como a figura produzida quando três linhas retas (das quais duas são maiores que a terceira) são unidas de forma a fecharem um espaço. Movendo essas linhas (na realidade ou na imaginação), pode-se mostrar que a soma dos três ângulos deve ser igual a dois ângulos retos, e assim por diante. Na medida em que Spinoza pensava em figuras geométricas dessa maneira, seu uso de exemplos geométricos, em vez de confirmar a interpretação lógico-matemática de sua filosofia, tendia para o caminho contrário.

### § 5 O número de atributos de acordo com Spinoza

Os Atributos de Deus, ou da Substância, são, de acordo com Spinoza, não apenas cada um infinito em sua espécie, mas também são infinitos em número, embora apenas dois deles (Pensamento e Extensão) sejam conhecidos pelos seres humanos. O argumento de Spinoza é, brevemente, esse. Apenas nada não tem atributos. Para ser real, uma coisa deve ter atributos; e quanto mais realidade ela tem, mais atributos ela deve ter. Consequentemente, Deus ou Substância, o Infinitamente Real, deve ter atributos infinitos.

Comentadores, talvez não sem razão, falam dos *inumeráveis* atributos da substância, de acordo com Spinoza. E eles não estão nada felizes com essa infinidade de atributos. É comumente considerada como estragando a harmonia ou o paralelismo de todo o esquema. Se todos os Atributos são naturezas simultâneas ou paralelas de uma e mesma Substância, que eles constituem, então se espera *prima facie* que cada modo manifeste essa infinidade-de-lados (*infinite-sidedness*), como uma manifestação da infinidade de Atributos. Mas isso não parece ser o caso. Até os seres humanos parecem expressar e conhecer apenas dois Atributos - Pensamento e Extensão. Então, novamente, no *Breve Tratado* (Apêndice II, p. 159), Spinoza sustenta que não apenas cada modo de Extensão tem seu modo de Pensamento, ou alma, mas os modos de todos os outros Atributos (ou seja, exceto Extensão) têm cada um sua ideia ou alma (isto é, um modo de pensamento). Nesse caso, o Atributo Pensa-

mento parece ter uma posição privilegiada entre os Atributos: em vez de ser paralelo a um Atributo (como a Extensão é ao Pensamento), parece ser coextensivo *todos* os outros Atributos.

Tais são as dificuldades que os comentaristas detectam sobre a infinidade de atributos que Spinoza alega. Os críticos acham que Spinoza foi logicamente compelido a assumir uma infinidade de Atributos, pelas razões brevemente indicadas acima, e que, no entanto, isso não se encaixa em seu esquema, mas cria dificuldades.

Agora, em primeiro lugar, não dou importância às alegadas dificuldades. Em nenhum lugar Spinoza fala do paralelismo dos Atributos, e mesmo que o fizesse, certamente seria um caso grosseiro de abuso de uma metáfora supor que ele pretendesse qualquer tipo de coextensibilidade espacial dos Atributos, o que quer que isso possa significar. Tudo aquilo em que ele insiste é que cada Atributo é infinito (isto é, completo) em seu gênero, e é certamente absurdo tentar medir as infinitudes de Atributos diferentes um contra o outro. Também não vejo nenhuma razão convincente para supor que um modo de infinitos-lados precisa ser autoconsciente de sua infinidade-de-lados. O homem, por exemplo, pode ser mais do que ele sabe. Eu posso voltar a esse ponto agora.

O que quero destacar mais particularmente, no entanto, é que, em minha opinião, toda a doutrina de um número infinito de Atributos foi realmente mal interpretada por todos os comentaristas e expositores. É verdade, de fato, que Spinoza fala de Deus ou Substância como “consistindo de Atributos infinitos” (Ética, I, xi, por exemplo), e que “infinito” nesta frase refere-se ao número dos Atributos, e não apenas ao fato de que cada Atributo é infinito em sua espécie. Mas é um grande erro traduzir o *infinito* de Spinoza por *inumeráveis*. E é nessa tradução incorreta que está na raiz do problema. Por *infinito*, Spinoza entende *completo* ou *todos* (*all*). Repetidamente, Spinoza insiste em seu uso positivo do termo *infinito*; e, repetidamente, ele usa *perfeito* (ou seja, completo) ou *todos* como o equivalente de *infinito*. Assim, por exemplo, no *Breve Tratado* (I, ii, p. 21), ele descreve Deus como “*um ser ao qual todos os atribu-*

*toti infinitos são predicados*". Ora, ninguém poderia pensar em descrever dois atributos como *inumeráveis* atributos, mas eles poderiam muito bem ser *todos* os atributos. O que afirmo é que Spinoza não postulou atributos inumeráveis. Ele conhecia apenas dois atributos e, como pensador cauteloso, tinha, é claro, que permitir a possibilidade de outros atributos desconhecidos pelo homem, uma vez que Spinoza não considerava o homem a medida de todas as coisas. Ele, portanto, postulou "infinitos ou todos os atributos", no sentido de "certamente dois, possivelmente mais". Creio que minha interpretação do significado de Spinoza é confirmada em certa medida pelo que ele diz em *Ética* III, ii, onde, referindo-se às relações mútuas entre os modos dos diferentes Atributos, ele diz: "O corpo não pode determinar a mente a pensar, nem a mente pode determinar o corpo para o movimento ou repouso, nem para qualquer outra coisa, se tal coisa houver". A expressão "qualquer outra coisa" pode se referir a algum modo de extensão que não seja movimento e repouso. Mas a última parte da frase pode ser uma maneira bastante estranha de afirmar que o modo de nenhum outro Atributo pode ser determinado por um modo da Extensão ou do Pensamento, assim como um modo da Extensão e um modo do Pensamento não podem determinar um ao outro. De todo modo, se esta última interpretação da *Ética*, III, ii, é possível ou não, não pode haver dúvida sobre o uso de Spinoza do *infinito*, no qual baseio principalmente minha visão de sua concepção do número de Atributos.

Para Spinoza, então, como eu o entendo, *pode haver*, mas não precisa haver mais do que dois Atributos, e o que ele diz sobre a limitação de cada modo do Pensamento à apreensão do modo por apenas um outro Atributo (Extensão, por exemplo, no nosso caso) se refere ao possível caso de haver outros Atributos. Em outras palavras, se realmente existem outros Atributos além da Extensão e do Pensamento (Spinoza pode ser entendido assim), então o fato de nossa mente apreender apenas seu próprio Atributo e o da Extensão, e não os modos de qualquer outro atributo (para nós desconhecidos), deve-se ao fato de que cada mente (ou ideia) é constituída apenas como conhecer um outro Atributo além de seu próprio, a saber, o

Atributo de seu *ideatum*, que pode ser um modo de um Atributo diferente em diferentes casos.

## § 6 Posfácio

Este artigo fornece apenas um breve relato de algumas das interpretações dos conceitos fundamentais de Spinoza que me parecem ser interpretações erradas palpáveis. O relato pode ser suficiente para mostrar a necessidade de um estudo realmente minucioso de Spinoza e a conveniência de adiar críticas até que possamos ter uma certeza razoável da precisão de nossa interpretação dele. Penso que estudar de perto Spinoza é eminentemente importante. A menos que eu esteja muito enganado, a filosofia de Spinoza está mais em harmonia com o pensamento científico atual, para não falar do pensamento social e político, do que qualquer outra filosofia desde sua época.